

arquivo & administração

ORGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS
V. 4 - nº 3 - dezembro - 1976

RELATÓRIOS SOBRE AS ATIVIDADES DO VIII CONGRESSO INTERNACIONAL
DE ARQUIVOS E DO SEMINÁRIO INTERAMERICANO SOBRE COOPERAÇÃO
REGIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE ARQUIVOS
Washington, 27 de set. a 1 de out. 1976

Clas. PER
Administração

RELATÓRIOS SOBRE AS ATIVIDADES DO VIII CONGRESSO INTERNACIONAL
DE ARQUIVOS E DO SEMINÁRIO INTERAMERICANO SOBRE COOPERAÇÃO
REGIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE ARQUIVOS

Washington, 27 de set. a 1 de out. 1976

DIRETORIA 1975

Presidente — Helena Corrêa Machado
Vice-presidente — Jucy Neiva
1ª Secretária — Regina Alves Vieira
2ª Secretária — Aclair Ramos de Oliveira
1º Tesoureiro — Wilma Schaefer Corrêa
2º Tesoureiro — Aurora Ferraz Frazão

CONSELHO DELIBERATIVO EM 1975

Marilena Leite Paes — até 1981
Wilma Schaefer Corrêa — até 1981
José Pedro Pinto Esposel — até 1981
Lourdes Costa e Souza — até 1979
presidente
Astréa de Moraes e Castro — até 1979
Helena Corrêa Machado — até 1979
— (art. 18 § 9º — estatutos)
Raul do Rêgo Lima — até 1977
Maria Luiza S. Dannemann — até 1977
Myrthes da Silva Ferreira — até 1977

SUPLENTES

Janine Resnikoff Diamante — até 1981
Maura Esândola Quinhões — até 1981
Gilda Nunes Pinto — até 1979
Celita Pereira Gondim — até 1976
Martha Maria Gonçalves — até 1977
Maria Amélia P. Migueis — até 1977

CONSELHO FISCAL EM 1975

Deusedith Leandro de Oliveira
Fernando Salinas
José Lima de Carvalho

SUPLENTES

Milton Machado
Jaime Antunes da Silva

V. 4 — nº 3 — dezembro — 1976

publicação da
Associação dos Arquivistas Brasileiros

Redação

Praça da República, 26 - Centro - ZC-14
20.000 - RIO DE JANEIRO - BRASIL
(endereço provisório) Tel. 252-2338

Diretor Responsável
Maria de La E. de España Iglesias

Diretora Técnica
Marilena Leite Paes

Secretária
Lourdes Costa e Souza

Colaboram nesta edição
G. Gangah

Nilsa Teixeira Soares
Regina Alves Vieira
Nicolau Abrantes
Lêda de Ticiano Walkner Naylor
Marcos Almir Madeira

Arte Final
Américo Cardoso

Impressão

GRÁFICA MEC EDITORA LTDA.
Av. Professor Manoel de Abreu, 850
V. Izabel - Tel. 248-1428
RIO DE JANEIRO

Correspondência: Arquivo & Administração
Praça da República, 26 - Centro - ZC-14
20.000 - RIO DE JANEIRO - BRASIL
os artigos assinados são de
responsabilidade dos colaboradores
e não expressam necessariamente
o pensamento da associação.

Permitida a reprodução de artigos
desta revista desde que seja citada a fonte.

periodicidade: quadrimestral

próxima edição: Abril 1977

distribuição: aab

desejamos permuta

deseamos permuta

nous desirons echange

We are interested in exchange



Nº 40358

SUMÁRIO

EDITORIAL	5
CARTAS	6
LA UTILIDAD ESPECIAL DE LOS ARCHIVOS EN LOS PAISES EN DESARROLLO. G. Cangah	7 a 9
RELATÓRIOS SOBRE AS ATIVIDADES DO 8º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS E DO SEMINÁRIO INTERAMERICANO SOBRE COOPERAÇÃO REGIO- NAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE ARQUIVOS. Nilza Teixeira Soares	9 a 29
NOTÍCIAS	
Regina Alves Vieira	30 a 32
D. INEZ BARRETO CORREIA D'ARAUJO, INOVADORA E PIONEIRA Nicolau Abrantes	32 a 33
3º CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA	34 a 39
TESTEMUNHO.	
Leda de Ticiano Walker Naylor	40 a 41
CRÔNICA: ERRATA CORDIAL	
Marcos Almir Madeira	42

ARQUIVO & ADMINISTRAÇÃO. Rio de Janeiro, Associação dos
Arquivistas Brasileiros, 1972 —

v. 1 n.º 0 out. 1972
v. ilustr. quadrimestral

“Órgão oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros.”

1. Associação dos Arquivistas Brasileiros, Rio de Janeiro.

2. Arquivos.— Periódicos.

CDD 025.171

EDITORIAL

Vozes proclamam a necessidade de mudar a denominação de Arquivo para outra que lhe dê foros de atividade moderna, de ciência nova. Uma denominação, dizem, que afete pessoas no sentido de prestígio para o órgão que porte título atraente, sofisticado e sobretudo que não contenha qualquer alusão ao velho substantivo.

Tentação compreensível, até certo ponto, pois é inegável que o vocábulo "Arquivo" ainda tem para o grande público o significado de depósito de papéis mais ou menos esquecidos, lugar parado, onde o esforço intelectual é pouco ou até mesmo nulo.

Mas estaria o problema de prestígio, de "status" do Arquivo resolvido por esse artifício? Seria um problema de rótulo?

À procura de respostas, lembramos que desde o "archeion" da Grécia antiga, o "archivum" da Roma cesariana até o "archive" inglês ou francês, o "archiv" alemão, o "archieven" holandês, o "archivi" italiano, o "archivo" espanhol, etc., da Europa contemporânea, a atividade nunca deixou de existir, a despeito da denominação. Daí a resistência à solução preconizada. Se o órgão tem sobrevivido assim através dos séculos, como decretar-lhe nova identidade?

Poderíamos parar por aqui. Todavia, não há como deixar de estender o exame dessa manifestação de mudança, pois, em princípio, todas as idéias relacionadas a Arquivo devem ser por nós consideradas.

Encontramos na proposta o sentido de apelo ao consumo imediato, numa sociedade apressada, de leitura dinâmica, onde não há tempo para a espera de resultados a longo prazo.

Dúvida não há de que um outro rótulo, escolhido entre termos de bom gosto, conferiria "status" por uma temporada, pelo menos, aos responsáveis pelo Arquivo que assim fosse contemplado.

Esbarramos aí com outra pergunta: lutamos por uma *temporada* ou por *finalidades* duradouras em termos de técnica e de profissionalização, mesmo sabendo de antemão que o brilho tardará? Quando muito, poderemos consignar resultados parciais, em cada degrau da escada, fruto sempre de trabalho discreto e pertinaz, em ação polivalente junto a frentes de trabalho.

Fácil é, portanto, compreender o lado humano das tentativas de mudança por atalhos que parecem encurtar caminhos.

Posto o assunto no nível de compreensão, deve-se dizer, também, que não há motivo para desalento, pois o percurso longo de que falamos, já está com alguns trechos significativos percorridos, onde a sinalização para conduzir o profissional de Arquivo — mola mestra da nossa mudança — ao ponto da chegada da afirmação, já vem obtendo algumas reações positivas, quando destaca aspectos técnicos, administrativos, culturais e psicológicos.

A técnica, para conseguir dirigentes capazes de orientar adequadamente a execução das atividades de classificação, arranjo, descrição, avaliação etc., bem como a elaboração de instrumentos de pesquisa.

A ação administrativa, para a gerência eficiente de recursos humanos, materiais e financeiros.

A cultura, para a necessária distinção de valores justos e ponderáveis que bem coloquem o Arquivo a serviço de uma coletividade dia a dia mais carente de informação.

O aspecto psicológico, realçando a paciência, para esperar resultados autênticos, e humildade para resolver o problema arquivístico pela ação, se possível, em profundidade.

Relevem-nos se o tratamento que demos ao assunto pode ser encarado como de pregação. Não foi nosso propósito, que é o divulgar o pensamento da atual direção da AAB sobre a filosofia do sucesso na Arquivística, lastreada sempre no trabalho verdadeiramente profissional que dificilmente traz vitória rápida.

Helena Louisa Allard

ERRATA CORDIAL

Um ex-aluno, e dos melhores, desses que ficam, estranhava, em conversa com amigo comum, que fosse eu o Diretor do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Fez mais do que estranhar: lastimou. E cobrindo seus comentários a meu respeito com o que tem de mais fértil a generosidade fluminense, opinou que o seu antigo professor estava em posto "incompatível", assim como se concluísse que eu fora vítima de uma injustiça intelectual.

Claro que o zelo e carinho do meu amigo por aquilo que ele considera a minha "responsabilidade intelectual" muito me sensibilizaram. Tocaram-me. Mas a verdade final é que lhe devo, com a melhor palavra de reconhecimento, uma elucidação de interesse público e também especificamente cultural.

Quando o eminente Secretário da Justiça, Senhor Laudo de Almeida Camargo, me distinguiu com o convite para ocupar o cargo, fez ver que o Governo, tendo erigido o velho Serviço em Departamento, pretendia por isso mesmo valorizá-lo, dar-lhe outro relevo, outra consistência e rumos mais largos.

A meu sentir, isto importava fazer do velho órgão uma fonte, também, de estudos do nosso passado, nos seus campos essenciais de afirmação regional. Estava eu assim convocado para essa nova faina, que, ao fim de contas, consistia em promover a renovação de um organismo enjeitado.

Com poucas exceções, Arquivo, em nossa história administrativa, foi sempre uma espécie de patinho feio — e devo confessar que me seduziu a tarefa de reformular idéias, conceitos e métodos. Estamos sob um governo sério, planejador e, em função da fusão, tacitamente revisionista; de modo que não estaria em seu espírito, ou em estilo, dar uma outra estrutura ao velho acervo, apenas pela euforia burocrática de montar máquina maior. E o titular da Pasta supervisora, culto, paulista, Camargo, tendo o sentido dinâmico da história, não faltará à boa coerência de viabilizar a reforma. Antes de mais, reforma de mentalidade, capaz de possibilitar o mais vital: um Arquivo realmente público. Mas essa abertura não favorece apenas a massa de requerentes interessados em certidão de tempo de serviço, de registro de terras, etc.; no caso, o públi-

co a atender e servir com outros olhos e outras técnicas é a clientela natural: os diferentes núcleos universitários, alunos, mestres, pesquisadores ou simples curiosos, historiadores em casa, espécie de francos atiradores que, na esfera particular, fazem muitas vezes a história local.

Para essas camadas significativas da comunidade é que se está abrindo o Arquivo do Estado, como ainda recentemente aconteceu, quando três vezes, duas em Niterói e uma no Fundão realizou a velha Casa exposições públicas de documentos fluminenses do Brasil-Colônia, Império e República, fazendo coincidir a Mostra com a reunião do 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia, sob a digníssima presidência da senhora Helena Machado. Gente de idades, cursos e condições bem diferentes lá foi beber na fonte, inclusive para conferir o passado com o presente. E um dos pontos de maior afluência foi a Faculdade em que estudou e brilhou o querido amigo, infelizmente de costas para o Arquivo. Quero vê-lo, para o ano, dando presença impressa (e assinada) no Caderno de Pesquisa que o velho órgão vai editar. Quero vê-lo em nossos Arquivos... E no próprio Arquivo. No outro, renovado... Ou no Nacional, dirigido por escritor, egresso de crônica literária: Raul Lima. Ou no de São Paulo, sob a chefia de outro escritor e acadêmico: Francisco de Assis Barbosa. Ou no de Pernambuco, entregue ao acadêmico e poeta Mauro Mota.

Seja como seja, as restrições do fiel conterrâneo, de testa franzida para a minha nomeação, foram em verdades úteis: valeram por uma advertência a mais. Quando um homem de boa saúde intelectual e formação realmente superior nos aparece indisposto e descrente em face da instituição Arquivo ou pelo menos em face do Arquivo nosso — como se nele pudesse apenas ver uma antologia de poeira e traça, ponto ideal de sonolência em público — não há senão concluir que a esse desconceito melancólico, teremos todos, governo e comunidade, de continuar opondo, mais do que nunca, o nosso próprio conceito reparador e urgente. Não é polêmica; é serviço público — e serviço de benemerência cultural.

Aqui fica para o meu amigo, a propósito da sua "estranheza" e do seu quase protesto, este projeto, não direi de carta aberta, mas de uma errata diferente: errata cordial...

GRÁFICA **MEC** EDITORA LTDA.

Av. Professor Manoel de Abreu, 850 - V. Isabel

TEL. 248-1428 - R.J.

Fas. 703
Arquivo
v.4 n.3
dez.1976